



TECNOPOLÍTICA E A MULTIDÃO EM REDE: DO MOVIMENTO 15-M ÀS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 NO BRASIL

TECNOPOLITICAL AND THE CROWD IN NETWORK: THE MOVEMENT 15-M TO JUNE 2013 EVENTS IN BRAZIL

Edenise Andrade da Silva¹
Márcio de Souza Bernardes²

RESUMO

Com o fenômeno da globalização criaram-se novos mecanismos de comunicação e com isso novas formas de participação popular e acesso as informações. Por isso, o espaço cibernético tornou-se uma importante ferramenta na difusão de direitos fundamentais, como, por exemplo, o exercício da cidadania participativa. No ano de 2011 uma onda de mobilizações e protestos se espalhou simultaneamente em diversos países do mundo. Movidos por uma solidariedade mútua e o descontentamento com as instituições políticas, sociais e econômicas, uma multidão foi às ruas em busca da efetividade de direitos. Já no Brasil, em junho de 2013, a exemplo dos movimentos de 2011, diversas mobilizações se espalharam pelo país. Todos estes protestos foram promovidos pelas novas mídias advindas da internet e tinham como característica básica a participação popular. Assim, o presente trabalho tem como objetivo principal elucidar a gênese destes movimentos. Para tanto, o método empregado foi o hipotético dedutivo, sendo que no primeiro momento analisa-se o fenômeno das ocupações de 2011 e 2013; posteriormente, a partir da importância do ciberespaço, verifica-se o uso desta nos processos democráticos. Conclui-se que mídia e a democracia são fundamentais no exercício de direitos e construção de mudanças constituintes.

Palavras-chave: tecnopolítica; ciberespaço; participação popular.

ABSTRACT

With the phenomenon of globalization were created new mechanisms of communication and with it new forms of popular participation and access to information. Therefore, cyberspace has become an important tool in the dissemination of fundamental rights, for example, the exercise of participatory citizenship. In 2011 a wave of demonstrations and protests spread simultaneously in several countries. Driven by a mutual solidarity and discontent with the political, social and economic, crowds took to the streets in search of the effectiveness of rights. In Brazil, in June 2013, like the 2011 movements, several demonstrations spread across the country. All these protests were promoted by new media coming from the internet and had the basic feature popular participation. Thus, this study aims to elucidate the genesis of these movements. Therefore, the method used was deductive hypothetical, and at first analyzes the phenomenon of 2011 and 2013

¹ Graduada em Filosofia - habilitação licenciatura - pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Acadêmica do Curso de Direito do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA. E-mail: andradeede@gmail.com.

² Doutorando em Direito pela UFSC. Mestre em Direitos Sociais e Políticas Públicas pela UNISC. Bacharel em Direito pela UFSM. Professor de Direito na UNIFRA. Advogado. E-mail: msbernardes@hotmail.com.



occupations; later, from the importance of cyberspace, we find the use of this in democratic processes. In conclusion, media and democracy are essential in the exercise of rights and building constituents changes.

Keywords: technopolitical; cyberspace; popular participation.

INTRODUÇÃO

Com o fenômeno da globalização criaram-se novos mecanismos de comunicação e, no cenário digital, muitos dispositivos tornaram-se meios comumente utilizados pela sociedade como forma de acesso à informação e à participação. O acesso facilitado à internet e suas redes sociais (*facebook, twitter, whatsapp*, etc), através de aparelhos *notbooks, tablets* e, especialmente, de telefones celulares, facilitou às pessoas maior convívio com votações, pesquisas, enquetes e manifestações em tempo real, possibilitando um processo de politização cada vez mais intenso, realizado de forma direta e não mais mediado pela chamada mídia tradicional (especificamente jornais escritos, TVs, revistas, rádios, etc.).

Pode-se afirmar que os eventos políticos que se notabilizaram a partir do ano de 2011 é resultado desses novos mecanismos de comunicação. Inúmeras manifestações ocorreram em todo o mundo. No Norte da África, Tunísia, Egito, Líbia, Espanha, Grécia, Chile, Peru e Estados Unidos, eclodiram protestos ao mesmo tempo locais e globais. Em que pesem distinções e peculiaridades de pautas em cada demanda local, verificou-se, pelo menos empiricamente, algumas semelhanças e, inclusive, influências declaradas, tendo a internet (e suas redes sociais) como mecanismo impulsionador e difusor das demandas e ações diretas. São movimentos multitudinários, policêntricos, sem lideranças formais, e que trazem como bandeiras, declaradas ou não, o esgotamento da forma representativa de política e do capitalismo financeiro global. Afora o conteúdo, a forma pelas quais essas demandas foram postas demonstra um dos principais pontos comuns: o uso das redes sociais, criando uma nova relação com o político, de modo a permitir pensar na emergência de um novo cenário constituinte típico da chamada sociedade em rede.

No Brasil, este fenômeno apareceu com os protestos ocorridos a partir de junho de 2013, e já deixaram marcas na história nacional, especialmente ao conquistarem o apoio da sociedade e despertarem, por outro lado a forte repressão das autoridades constituídas, especialmente pela atuação das polícias. Os manifestantes que saíram às ruas



reivindicando uma multiplicidade de direitos movimentaram a mídia tradicional, corporativa, e os centros de poder, sem que estes conseguissem compreender o processo em andamento e dar resposta adequada a tais fenômenos.

Deste modo, observando estas novas redes de debates e interações, bem como a notoriedade alcançada pelos movimentos que surgiram praticamente de forma simultânea em diversos locais do globo em 2011, se pretende investigar algumas das características comuns destes movimentos, sobretudo as influências dos “indignados” do 15-M espanhol nas jornadas de junho de 2013 no Brasil, buscando, por meio da presente pesquisa responder ao seguinte questionamento: qual foi o papel do ciberespaço na construção de uma nova realidade de participação política e quais foram os possíveis reflexos do movimento dos Indignados exercidas nas principais manifestações brasileiras ocorridas em 2013? Com tais questionamentos, busca-se entender as características deste espaço que pode ser chamado de tecnopolítico, ou espaço de imbricação sóciotécnica.

Salienta-se que o trabalho foi elaborado a partir do método hipotético dedutivo, partindo-se da hipótese central de que as novas mídias, novas tecnologias de informação (TIC'S) foram fundamentais para a instauração e êxito destes movimentos sociais, tomando como paradigma os protestos ocorridos a partir de 2011, especialmente no Movimento 15-M espanhol. No primeiro momento analisa-se o fenômeno das ocupações de 2011 que ocorreram na Europa, África, Estados Unidos e demais países, dando-se enfoque mais específico ao 15-M. Após, estudar-se-á a onda de protestos que tomou conta do Brasil, no mês junho de 2013; posteriormente, a partir da hipótese da importância do ciberespaço, verifica-se o uso desta nos processos democráticos, bem como, seus aspectos positivos ou negativos, caso houver, e a possibilidade de um poder constituinte da sociedade em rede.

1 O ANO DE 2011 E O CONTEXTO DE INSURGÊNCIAS INÉDITAS DA MULTIDÃO

No ano de 2008 uma intensa crise econômica do capital financeiro global abalou o mundo inteiro, aumentando, em diversos lugares do globo, em maior ou menor medida, os níveis de pobreza, desemprego bem como flexibilizações, ou mesmo a supressões, de direitos sociais, trabalhistas, previdenciários, historicamente conquistados.



Foi neste cenário que, segundo Giovanni Alves, surigram “o M12M, Movimento de 12 de Março ou Geração à Rasca, em Portugal, o M15M, movimento 15 de Março ou Movimento dos Indignados, Espanha, o Occupy Wall Street, nos Estados Unidos³”, que tiveram forte influência das rebeliões de massa que impulsionaram a Primavera Árabe e derrubaram governos na Tunísia e no Egito. A partir do Ano de 2011, portanto, verifica-se que em diversos países do mundo ocorreram protestos simultâneos. Nas palavras de Henrique Soares Carneiro, a partir de 2011 ocorreram fenômenos como há muito tempo não se via, “uma eclosão simultânea e contagiosa”, mobilizações sociais que tomaram “dimensões de um movimento global”⁴.

Analisando-se as causas concretas que fizeram eclodir cada um desses movimentos em seus territórios, poderíamos compreendê-las como desconexas, apesar de sua simultaneidade e da relação com um contexto de crise global. Porém, observando mais detidamente, verificamos traços de ineditismo e uma espécie de contágio que guardam, no fundo, um fio condutor. Juntamente com Bernardo Gutiérrez, poderíamos perguntar da seguinte forma:

[...] Existem elementos comuns entre a explosão do Movimento 15 de Maio (15-M) espanhol e o nascimento do #YoSoy132 no México? É possível traçar uma paralela entre a defesa do Parque Gezi, em Istambul, e as revoltas começadas pelo Movimento Passe Livre no Brasil? Existem padrões compartilhados nas revoltas que sacodem o mundo desde o estopim da Primavera Árabe? [...]⁵

O mesmo autor ainda pergunta “o que, como e por que flutua no ar uma conexão inexplicável à primeira vista?” A resposta arriscada por ele, com a ressalva de não ser única e nem definitiva, aponta que há um “número crescente de analogias, fatos, *memes*, estética, processos e protocolos compartilhados”⁶. Parece, sem dúvida, haver um fio condutor, além do cenário de crise do capital financeiro de 2008 e seus reflexos.

³ ALVES, Giovanni. *Ocupar Wall Street... e depois?*. In: HARVEY, David; et al. *Occupy: movimentos de protestos que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012, p.31.

⁴ CARNEIRO, Henrique Soares. *Rebeliões e ocupações de 2011*. In: HARVEY, David; et al. *Occupy: movimentos de protestos que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012, p.07

⁵ GUTIÉRREZ, Bernardo. *Três anos de revoltas interconectadas*. In: CAVA, Bruno ; COCCO, Giuseppe (orgs.). *Amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ano que não terminou*. São Paulo: Annablume, 2014, p.119.

⁶ Idem, p. 210



Em todos os movimentos poderíamos identificar, primeiramente, o fato de serem difusos, aparentemente autoconvocados, sem a liderança tradicional de sindicatos, partidos políticos, ou determinada grupo estruturado. É um movimento sem cabeça, sem um líder. Apresentam-se como multitudinários, ou seja, apesar de pautas iniciais concretas e de relativamente fácil adesão, há uma proliferação de demandas diversas - e algumas contraditórias -, rompendo com a ideia moderna de unicidade do povo em torno de uma demanda.

Em segundo, e especialmente importante para o presente texto, é o papel das novas mídias, em especial da internet e das redes sociais como pilar fundamental para todos os movimentos. Marcelo Castañeda, citando Manuel Castels, lembra que todos esses movimentos, da Tunísia ao Brasil, “apresentam uma dinâmica que se inicia em redes da internet, vai para as ruas, volta para as redes da internet, retorna às ruas e permanece vivo nas redes da internet.”⁷

O autor refere existir uma espécie de *imbricamento sóciotécnico* como novidade destes movimentos que teria seu nascedouro em 1994, com o Movimento Zapatista no México e nos movimentos em Seattle, em 1999, mas que, a partir de 2011 ganham sofisticação. Trata-se de uma análise que procura dar conta do novo fenômeno, na medida em que não se está apenas a lidar com a internet como instrumento de convocação. Trata-se de uma interação permanente, em tempo real, através da qual os atos e pautas, ao mesmo tempo em que são comunicados, são debatidos, problematizados nas ruas e na internet, através de redes sociais como *facebook*, *twitter*, *whatsapp*. Conforme Castañeda

A internet pode ser como um conjunto de numerosas tecnologias, práticas e contextos que são usadas, entendidas e assimiladas por diversas pessoas em algum lugar em particular. Com isso, ao invés de pensar em uma separação entre o *online* e o *off-line*, proponho pensar que está em curso um *imbricamento sóciotécnico*, tendo em vista a ubiquidade cada vez maior com que as tecnologias da internet participam da vida cotidiana, ainda que exista uma divisão digital.⁸

Essa participação na vida cotidiana, portanto, é o que caracteriza os movimentos a partir de 2011. Não só as convocações, mas uma série de debates, filmagens, fotografias,

⁷ CASTAÑEDA, MARCELO. *As manifestações de 2013: imbricamentos sóciotécnicos e perspectivas*. In: CAVA, Bruno ; COCCO, Giuseppe (orgs.). *Amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ano que não terminou*. São Paulo: Annablume, 2014, p. 109.

⁸ Idem, ibidem.



circulam nas redes da internet, dando conta das demandas. Vejamos, por exemplo, o fenômeno do 15-M, dos Indignados da Espanha.

1.1 O Movimento 15-M e o poder constituinte da multidão em rede

O movimento 15M na Espanha parece ser um paradigma dessa nova forma de movimento, que ultrapassa em muito a perspectiva clássica de movimento social. O movimento dos Indignados surge após uma série de manifestações na Espanha na data de 15 de Março. Ao todo, ocorreram protestos em 40 cidades espanholas. Ao final, alguns dos manifestantes ocuparam a praça Pueta del Sol, em Madri. O 15M tinha como objetivo principal impugnar as políticas de austeridade do governo espanhol e, ato-contínuo, do modelo político representativo, a fim de evitar a profissionalização política, bem como a redução da democracia a um simples mercado eleitoral. Duas frases de ordem utilizadas durante o movimento ilustram bem seus propósitos: “não somos mercadoria nas mãos dos políticos e banqueiros” e “Democracia Real Já!”.

Pode-se dizer que o cenário principal, motivador deste movimento, assim como dos demais que o sucederam, foi o desejo da população de recuperar o controle sobre os assuntos públicos, sobre a tomada de decisões, bem como, (re)criar novos espaços de participação popular. No entanto, o 15-M, segundo muitos analistas desses fenômenos, apresenta peculiaridades. Seu objetivo não é, necessariamente, tomar o poder que combatem. Conforme Tomás Herreros e Ádria Rodríguez,

O #15M tem expressado, na condição de movimento, a potência e o porvir da forma-revolução contemporânea. Como sempre, a inovação chega do sul, e poder-se-ia dizer que o #15M não começou em Puerta del Sol, mas na Primavera Árabe e, principalmente, na praça de Tahrir. Foi na revolução egípcia que nasceu o germe do que se pode considerar o que é, nas condições atuais, a insurreição multitudinária na sociedade-rede⁹.

Com a tentativa de repressão por parte do governo, o povo agregou-se, uniu-se mais firmemente, sem liderança, em rede, de modo que os protestos foram crescendo em número, complexidade e intensidade, especialmente pela estratégia de utilização das

⁹ HERREROS, Tomás; RODRÍGUEZ, Adrià. Revolução 2.0: Direitos emergentes e reinvenção da democracia. In: COCCO, Giuseppe; ALBAGLI, Sarita (orgs). **Revolução 2.0: A crise do capitalismo global**. Rio de Janeiro: Editora Gramond Universitária, 2012, p. 111.



redes sociais como *twitter* e *facebook*, naquilo que configurou o imbrincamento sóciotécnico. Isso trouxe, inclusive, notoriedade na mídia tradicional, fato que deu maior força ao Movimento com posterior reconhecimento e efeitos num espaço muito maior.

O autor João Alexandre Peschanski¹⁰ ressalta a importância da crítica feita pelos “ocupas” - termo utilizado para se referir aos movimentos - que segundo ele, é especialmente apropriada num contexto global em que a taxa de desemprego é crescente e a parcela da população economicamente vulnerável aumenta. Da demanda e da forma pela qual o movimento se organiza, viu-se uma mudança profunda do 15-M ao longo do tempo, a ponto de transformar a denúncia dos problemas em verdadeiro protótipo de uma outra (nova?) forma revolução em busca do rompimento com as estruturas representativas, pugnano por uma democracia real.

Durante o 15-M, presenciou-se, conforme afirma Raúl Sanchez Cedillo, “um processo de politização massiva das multidões, de reapropriação do político por parte de centenas de milhares de pessoas” através de um “movimento-sistema-rede”¹¹. Este mesmo autor formula a hipótese de que o 15M representa um protótipo de poder constituinte¹², através do qual uma multidão se organiza na fundação de uma nova ordem política, que invalida a ordem vigente. Segundo Cedillo,

Assim, portanto, a rede se apresenta como uma estrutura fundamental, a mais rica e profunda, da heterogeneidade do 15M. Não falamos apenas de internet e redes sociais, mas de uma forma-rede da cooperação e comunicação social geral através da qual, por assim dizer, o 15M se pôs a funcionar. E em conexão com esta fundamental forma-rede, que responde ao padrão de uma *fully connected network* na qual todos os nós estão em condições de se conectar uns com os outros, uma arquitetura *peer to peer*, igualitária, horizontal e equivalente.¹³

¹⁰ PESCHANSKI, João Alexandre. *Os “ocupas” e a desigualdade econômica*. In: HARVEY, David; et al. **Occupy: movimentos de protestos que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012, p.28

¹¹ CEDILLO, Raúl Sánchez. O 15M como insurreição do corpo-máquina. *Revolução 2.0: direitos emergentes e reinvenção da democracia*. In: COCCO, Giuseppe; ALBAGLI, Sarita (orgs). **Revolução 2.0: A crise do capitalismo global**. Rio de Janeiro: Editora Gramond Universitária, 2012, p. 121-122

¹² Raúl Sánchez Cedillo faz um alerta importante para a compreensão do conteto. Segundo ele, “é bom ressaltar que estamos falando de poder constituinte, isto é, não se trata de um “movimento social”, de “sociedade civil”, “opinião pública”, “ação coletiva”, etc., e sim de uma multidão que se organiza e se conduz rumo à fundação de uma nova ordem política, que invalida e destitui a ordem vigente.” (op. cit. p. 122)

¹³ Idem, *Ibidem*.



Portanto, o 15-M representa, assim, o modelo de uma nova revolução da sociedade em rede, através das quais a horizontalidade, o acesso direto e o redimensionamento de espaço-tempo, emergem como fundamentais. Parece, portanto, certo afirmar que existe uma modificação profunda em termos de política contemporânea. Só isso, do ponto de vista positivo, já aponta para o sucesso dos movimentos na sociedade em rede, especialmente a partir do exemplo dos “indignados”, ou 15-M, espanhóis.

Além disso, o movimento permanece ativo, nas redes e nas ruas, consolidando hoje o movimento “Podemos”, na Espanha que, embora buscando modificar as estruturas de representatividade democrática, também se ramificou em partido político multitudinário, trazendo suas pautas de fora para dentro do sistema. Essas ramificações, por óbvio, dariam ensejo a outros trabalhos. Aqui, cabenos apontar, a partir de então, a influência desses movimentos, especialmente do espanhol, nas jornadas de junho-2013 no Brasil.

2 OS MOVIMENTOS DE JUNHO DE 2013: UMA LUTA MAIOR QUE R\$ 0,20 CENTAVOS E AS INFLUÊNCIA DO 15-M

É importante destacar, apesar de inúmeras análises e críticas, que as manifestações de junho de 2013 constituem importante marco histórico brasileiro. Sabe-se, porém, que fatos desta natureza irão refletir sua importância, ou não, somente após certo lapso temporal, que por sua vez, não pode ser medido em tempo pré-definido. Contudo, assim como os movimentos anteriormente tratados, as chamadas jornadas de junho de 2013 no Brasil parecem seguir o mesmo fio condutor.

Com efeito, pode-se dizer que o estopim que motivou os protestos de junho de 2013 está ligado ao fato de Estados e Municípios elevarem as taxas do transporte público. Neste contexto, o Movimento Passe Livre deu início a uma série de manifestações que tiveram seu ponto forte inicial em São Paulo, contra ao anunciado aumento de R\$ 0,20 nas passagens do transporte urbano e, por diversas razões, se espalharam por todo o país.

O movimentos que emergiram no cenário nacional, tiveram como paradigmas àqueles ocorridos na Europa e nos EUA. Sob fortes inspirações e objetivos semelhantes, as mobilizações que eram por questões relacionadas ao transporte público, ganharam outros



contornos, ampliaram-se em suas demandas, atingindo as esferas da educação, dignidade de trabalho, fim da corrupção, etc.¹⁴.

Por conseguinte, o ponto comum que conecta todos estes movimentos, uns aos outros, é a participação das mídias sociais, enquanto ferramenta de compartilhamento, mais que isso, um protagonista no novo contexto de lutas populares. A revolução digital representada pelo avanço da internet é um processo emergente que possibilitou o avanço de uma outra democracia, ampliando a luta por direitos sociais e políticos.

Foi através do “ciberespaço” (que não pode ser mais entendido como desconectado do espaço físico, através do *imbrincamento sociotécnico*) que as assembléias passaram a ser estruturadas e, embora distantes pelas condições geográficas, as ferramentas digitais possibilitaram a união destas, rompendo a esfera tradicional do tempo-espaço. Em rede, os cidadãos, sem nenhuma espécie de hierarquia, nem líderes, organizaram um espaço híbrido de discussões, formando aquilo que o sociólogo Manuel Castells chama de “autocomunicação de massas”¹⁵.

Neste sentido, ressalta-se que a onda de movimentos iniciados em junho de 2013, pelo Movimento Passe Livre vai muito além do que a questão dos vinte centavos. A tomada das ruas de diversas capitais do país colocou em pauta as discussões do Movimento Passe Livre e as demandas que daí se suscederam, espalhando-se como fogo em pólvora através de intentosos debates nas redes sociais. Isso antes mesmo de chegar aos noticiários da mídia tradicional.

No Rio de Janeiro, por exemplo, o descontentamento da população era em relação ao governo e a forma de governo do PMDB apoiado pelo governo federal sob o comando do PT, “que assumiu pautas assinadas pelo neoliberalismo”, implementando as práticas capitalistas¹⁶. As remoções decorrentes dos projetos para a Copa das confederações, Copa

¹⁴ Ruy Braga, ao conceder entrevista ao BandNews, acerca do lançamento da coletânea “Cidades Rebeldes”, aponta algumas das principais insatisfações que motivaram os protestos de junho, aqui no Brasil. De acordo com Braga, existem muitas razões que justificam a gigantesca onda de protestos, e elas se apresentam sobre várias perspectivas, mas centram-se, principalmente, nas questões relacionadas ao trabalho e sistema de representação política. Disponível em: <http://pstuminas.blogspot.com.br/2013/08/ruy-braga-fala-sobre-coletanea-cidades.html>. Acesso em 24 out.2014.

¹⁵ CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política*. In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (orgs). *A Sociedade em rede: do conhecimento à ação política*. Org: CASTELLS, Manuel. CARDOSO, Gustavo. ed. Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Belém, 2005;

¹⁶ SINGER, André. *Os sentidos do lulismo. Reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 54.



do Mundo e Olimpíadas, agregaram-se às demandas. O fato é que após os primeiros dias de manifestações, a tomada das ruas aumentou, e em que pese não haver nenhuma ordem preestabelecida para seguir, nem por isso deixava de haver certa organização. Por se constituírem, previamente, através das redes sociais, havia uma pluralidade de tendências e ideias, onde cada integrante se responsabilizava pela confecção de seus cartazes, faixas, símbolos e etc.

Portanto, *a priori* é possível concluir que os movimentos de junho de 2013 apresenta certa aproximação dos movimentos como o 15M, demonstrando ser possível o exercício da cidadania de forma direta, difusa, configurando um espaço democrático de rompimento com as instituições tradicionais. Nem se fale, por óbvio, na estética das movimentações, no estabelecimento de aulas públicas, assembléias horizontais, etc..

Aliás, quanto a similitude de movimentos, como afirma Gutiérrez, “O Não é por 20 centavos, é por direitos, das manifestações no Brasil funcionou como o não somos mercadorias nas mãos de políticos e banqueiros do 15-M espanhol.”¹⁷. O impacto dessas palavras de ordem, relativamente de fácil adesão, tiveram um efeito de certo ativamento emocional, trazendo às ruas uma imensidão de pessoas.

3 O ESPAÇO CIBERNÉTICO COMO PROPULSOR DO PROCESSO DEMOCRÁTICO E O PROCESSO CONSTITUINTE DA MULTIDÃO EM REDE

Com o avanço da tecnologia e o maior acesso à internet deram-se novas formas de participação popular através das mídias sociais. Isso se deve ao de fato de que tais ferramentas propiciam uma comunicação instantânea, facilitando assim, a organização de movimentos sociais que lutam por garantias fundamentais não providas pelas instituições públicas. Assim, a internet utilizada como principal ferramenta de comunicação global fez com que coletivos, indivíduos, movimentos sociais, hoje com pautas complexas, difusas e sem centralização, estabelecessem conexões diversas. Desse modo, demandas e formas de protesto de países influenciam-se mutuamente.

Conforme as pesquisas de Bernardo Gutiérrez, a partir das experiências do 15-M, e demais movimentos similares, surge a *A Global Revolution Research Network (GRRN)* da

¹⁷ GUTIÉRREZ, Bernardo. Op. Cit.p. 120



Universidade Aberta da Catalunha (UOC)¹⁸. Um de seus pesquisadores e ativista, Javier Toret, tem utilizado o termo *tecnopolítica*, em suas pesquisas. Segundo Gutiérrez

Javier Toret, coordenador do estúdio *tecnopolítica: a potência das multidões conectadas*, realizado pelo 15Mdataanalysis para a UAC e um dos propulsores do GRRN, pensa que “os marcos teóricos tradicionais não estão à altura para a complexidade desses novos movimentos em rede”. Por isso, segue Toret, é necessário “usar métodos cruzados entre ciências complexas, teorias de redes, apoiando-se em dados e cruzando campos disciplinares”. Um dos conceitos chave para a investigação do GRRN é a *tecnopolítica*, que Toret afasta do “clickativismo” ou “ciberativismo”.¹⁹

Conforme mencionado, os movimentos que se espalharam pela Europa, Estados Unidos, África e demais continentes, tinham como meta principal a efetivação de uma reforma política com a finalidade de resgatar direitos dos cidadãos suprimidos ao logo do tempo pela tradicional política representativa. Esse cenário, imbrincado à rede, potencializa e amplifica demandas e comunicações. Disso tem-se, assim, a participação mais efetiva de uma multidão, de forma horizontal, fluida, em rede. Mas não apenas no “espaço cibernético” o que poderia ensejar a ideia de um “ciberativismo” ou “clikativismo”. Está-se mais além. O sintoma disso se identifica, também, nas tentativas, por parte das autoridades constituídas, de bloquear estes dispositivos de rede, de imbrincamento sóciotécnico. Nas palavras de Castañeda

Um aspecto sintomático da importância das tecnologias e da internet pode ser visto na atitude das polícias de confiscar telefones celulares dos manifestantes ou de procurar suspeitos em sites de redes sociais. No Rio de Janeiro, chegou-se ao ponto de efetuar prisões de administradores da página com o título “Black Bloc RJ, com 70.000 seguidores, na semana anterior ao protesto do Grito dos Excluídos”. [...] Ao apreender os celulares nas manifestações, o aparato policial tenta separar o “sócio” do “técnico”, desfazendo a possibilidade de compartilhamento das imagens com as redes de contatos dos manifestantes.²⁰

A imprensa tradicional, não só no Brasil, ao divulgar as manifestações como se fossem meros atos de vandalismo tinham como pano de fundo a ocultação do descontentamento da população diante das crises institucionais instauradas. Além disso,

¹⁸ GUTIÉRREZ, Bernardo, Op. Cit. P. 120

¹⁹ Idem, Ibidem.

²⁰ CASTAÑEDA, Marcelo. Op. Cit. P. 110.



também tinham como objetivo legitimar as agressões exercidas pela polícia com intuito de reprimir as ações dos manifestantes. No entanto, em pouco tempo, as imagens se desfizeram. As redes sociais veiculavam vídeos, depoimentos, relatos, contrariando a mídia tradicional e demonstrando, de fato, as demandas e os atos das forças repressoras ao movimento.

A rede, assim, passa a exercer um papel contra-hegemonico, de modo a desestabilizar a mediação realizada pela mídia tradicional. Não foi atoa, portanto, que as operações repressoras também passaram a tentar desativar o imbricamento sociotécnico. A tecnopolítica, portanto, passa a ser o alvo nas questões de repressão.

Nesse sentido, com as novas mídias sociais, percebe-se que surge um maior interesse político na medida em que os debates tanto em esfera nacional como internacional tem um alcance muito maior. Forma-se, com ela, um espaço permanente de politização, nas redes e nas ruas, concomitantemente. Movimentos pautados pela organização horizontal, difusa, policêntrica solidificam a busca pelas garantias sociais e, mais que isso, representam outros espaços, formas, modos de reivindicação e participação política. Nesse aspecto ciberespaço e seu imbricamento com o espaço físico, permite a concretização da democracia como forma de reivindicação e construção de novas relações político-jurídicas.

No caso dos moviemntos foi através do ciberespaço que as assembleias passaram a ser montadas e, embora distantes pelas condições geográficas, as ferramentas digitais possibilitaram a união destas. Trata-se de um método aberto, realizando a transformações do espaço público em espaço comum. Conforme Pierre Lévy, com o espaço cibernético (...) todas as mensagens se tornam interativas, ganham uma plasticidade e têm uma possibilidade de metamorfose imediata²¹.

Através das redes sociais promove-se uma participação ativa de todos, sem haver nenhuma espécie de controle por parte dos poderes políticos e econômicos. Na internet, os cidadãos, sem nenhuma espécie de hierarquia, nem líderes, organizaram um espaço híbrido de discussões, formando aquilo que o sociólogo Manuel Castells chama de

²¹ LÉVY, Pierre. *Ciberespaço*. Org. Nize Maria Campos e Eduardo Campos Pellanda. Port Alegre: Artes e Ofícios, 2000, p. 19



“autocomunicação de massas”²². O cibernético, responsável pela organização e as novas formas de movimentos sociais, possibilitou a “comunicação das massas horizontal”, porquanto

É uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes [...] ²³.

Não obstante, o Movimento 15M, bem como, os protestos de junho de 2013, no Brasil, tinham como um dos objetivos centrais o rompimento desta hegemonia do poder político, que já não expressava mais ao conceito de representatividade popular. Neste sentido, Castells salienta que a presença da mídia será uma constante no mundo contemporâneo global e a política, por sua vez, está essencialmente inserida, em termos de substância, organização, processo e liderança, na lógica inerente do sistema dos veículos de comunicação, especialmente na nova mídia eletrônica.

É inegável o fato de que o movimento dos indignados inovou e trouxe para o mundo a possibilidade do exercício da cidadania junto com a movimentação em massa da internet, com a internet e com as ruas. Audiências transmitidas, resultados postados e notícias dadas imediatamente pela mídia foram fundamentais para a transparência nas ações, característica fundamental em movimentos sociais. Complementando esta ideia, Pierre Lévy afirma que,

temos, portanto, os meios de restauração de uma democracia direta e em grande escala, porque, até agora, a democracia direta só podia funcionar em pequena escala, fazendo com que milhares de pessoas espalhadas em territórios mais distantes não fossem envolvidas. Com o uso de novos instrumentos técnicos, dá para construir uma democracia direta distinta do sistema de representação na qual uma organização política remete a um centro de decisão e que estaria completamente obsoleta na medida em que é tecnicamente obsoleto o fato de as decisões serem centralizadas. ²⁴

Igualmente, pode-se dizer que as redes de internet influenciaram de forma decisiva na construção de uma participação popular ativa, reunidas as pessoas conseguem

²² CASTELLS, Manuel, op. cit, p.19 (2005)

²³ Idem, ibidem.

²⁴ LÉVY, Pierre, Op. Cit., p. 19



superar a barreira do medo, do tempo-espaço, das forms centralizadas de decisão, sendo que quando estas barreiras são vencidas, culmina na vontade de lutar, impulsionado por indignações, o ser humano é capaz de relacionar-se e assim estabelecer novas formas de relações.

CONCLUSÃO

Está-se diante de uma nova revolução política através das novas mídias? A internet já não é mais um instrumento da minoria, pois está chegando aos três milhões de usuários no planeta, enquanto que as redes móveis já estão ultrapassando dos seis milhões e oitocentos mil de redes móveis, é inegável a suma importância da internet como nova forma de exercitar a cidadania.

Posto isso, verifica-se a importância das mídias sociais como forma e acesso a direitos e garantias fundamentais, como por exemplo, a cidadania participativa. Assim, os reflexos do Movimento 15M, exercidos sobre as manifestações brasileiras, restam claro: ambos se constituíram no ciberespaço, sem nenhuma liderança, de forma horizontal, novas possibilidades de participação política, em sintonia com essa nova tecnologia, podendo afirmar que, de agora em diante estamos diante de um imbrincamento sóciotécnico, ou de uma tecnopolítica. A Multidão nas ruas soube preservar e cultivar a lógica horizontal, tal qual a ideia inicial promovida no ciberespaço, isto é, possibilitou que todos, indistintamente, pudessem participar da formação desta sociedade que, a cima de tudo, é plurifacetária.

Portanto, conclui-se que assim como na Espanha, no Brasil e nos demais países, as mídias foram fundamentais para o alcance as manifestações: das redes às ruas e das às redes! Muito provavelmente, e isso a história nos dirá, estejamos diante do início de um novo e histórico poder constituinte da sociedade em rede.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. *Ocupar Wall Street... e depois?.* In: HARVEY, David; et al. **Occupy:** movimentos de protestos que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.



CARNEIRO, Henrique Soares. *Rebeliões e ocupações de 2011*. In: HARVEY, David; et al. **Occupy: movimentos de protestos que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

CASTAÑEDA, MARCELO. *As manifestações de 2013: imbricamentos sociotécnicos e perspectivas*. In: CAVA, Bruno ; COCCO, Giuseppe (orgs.). **Amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ano que não terminou**. São Paulo: Annablume, 2014, p. 109.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. Tradução: Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política*. in: *A Sociedade em rede: do conhecimento à ação política*. Org: CASTELLS, Manuel. CARDOSO, Gustavo. ed. Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Belém, 2005.

_____. *Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro. ed. Zahar, 2013.

CEDILLO, Raúl Sánchez. O 15M como insurreição do corpo-máquina. *Revolução 2.0: direitos emergente e reinvenção da democracia*. In: COCCO, Giuseppe; ALBAGLI, Sarita (orgs.). **Revolução 2.0: A crise do capitalismo global**. Rio de Janeiro: Editora Gramond Universitária, 2012.

GUTIÉRREZ, Bernardo. *Três anos de revoltas interconectadas*. In: CAVA, Bruno ; COCCO, Giuseppe (orgs.). **Amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ano que não terminou**. São Paulo: Annablume, 2014.

HARVEY, David, et al. *Occupy*. Tradução: João Alexandre Peschanski, et al. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

HERREROS, Tomás; RODRÍGUEZ, Adrià. *Revolução 2.0: direitos emergente e reinvenção da democracia*. In: COCCO, Giuseppe; ALBAGLI, Sarita (orgs.). **Revolução 2.0: A crise do capitalismo global**. Rio de Janeiro: Editora Gramond Universitária, 2012.

LÉVY, Pierre. *Ciberespaço*. Org. Nize Maria Campos e Eduardo Campos Pellanda. Port Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

PESCHANSKI, João Alexandre. *Os “ocupas” e a desigualdade econômica*. In: HARVEY, David; et al. **Occupy: movimentos de protestos que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012, p.28

SINGER, André. *Os sentidos do lulismo. Reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.